



ESTUDOS
UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

Ensaio

Texto submetido em: 8 ago. 2021. Aprovado em: 23 set. 2021.

SILVA, Auxiliadora Maria Martins da; SOUSA, Luara Poliana de Vasconcelos. O acesso à universidade pública é um direito: a transformação social através do pré-acadêmico *Vestibular Solidário* do Centro de Educação da UFPE. *Estudos Universitários: revista de cultura, UFPE/Proexc, Recife*, v. 38, n. 2, p. 29-48, jul./dez., 2021.

DOI: 10.51359/2675-7354.2021.251368

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

O acesso à universidade pública é um direito: a transformação social através do pré-acadêmico *Vestibular Solidário* do Centro de Educação da UFPE

The access to a public university is a right: social transformation through the test preparation course Vestibular Solidário of UFPE's Center for Education

Auxiliadora Maria Martins da Silva

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutora em Educação

E-mail: auxiliadora.martins@ufpe.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3325-0340>

Luara Poliana de Vasconcelos Sousa

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduanda em Pedagogia

E-mail: luara.vasconcelos@ufpe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1825-950X>

Resumo

Este ensaio, escrito no contexto pandêmico da Covid-19, homenageia o pré-acadêmico *Vestibular Solidário*, projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) e ao Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Neste texto, abordamos as vivências de uma ex-aluna e de uma coordenadora da setorial de extensão em 2017. O pré-acadêmico tem como objetivo auxiliar estudantes de escolas públicas e bolsistas da rede privada na preparação para o ingresso a universidades públicas e a outras instituições, possibilitando, também, a integração do professor-aluno baseada em uma relação não-vertical e preparando os/as alunos/as também para sua formação como seres

críticos e com autonomia frente à sociedade. Desse modo, o acesso à universidade é um direito, e, através da transformação social, como um projeto de extensão, o *Vestibular Solidário* rompe os muros da universidade através de práticas educacionais que conversam com a visão freireana da *Pedagogia do Oprimido* e com a *Educação Libertadora*.

Palavras-chave: Pré-vestibular. Transformação social. Desafios. Autonomia.

Abstract

This essay, written in the context of the COVID-19 pandemic, pays tribute to the test preparation course *Vestibular Solidário*, an extension project linked to the Federal University of Pernambuco (UFPE)'s Dean Office of Culture and Community Outreach Program (Proexc) and Center for Education (CE). In this text, we aim to address the experiences of a former student and of an extension sector's coordinator, in 2017. The test preparation course aims to assist students from public schools and students from private schools granted with scholarships that are preparing for admission to public universities and other colleges, also possibilitating the teacher-student integration based on a non-vertical relationship, and forming students as critical beings, with autonomy in society. In this sense, the access to a university is a right and, through social transformation, as an extension project, *Vestibular Solidário* breaks the university walls through educational practices related with the Freirean vision of the *Pedagogy of the Oppressed* and with *Liberating Education*.

Keywords: Test preparation course. Social transformation. Challenges. Autonomy.

Introdução

Uma homenagem. É deste modo que iniciamos esta escrita, que surge em pleno contexto pandêmico de Covid-19. Em tempos tão difíceis, é desafiador demonstrar com palavras o agradecimento ao *Pré-Vestibular Solidário* que integra a Universidade Federal de

Pernambuco (UFPE). Mas, ainda assim, é imprescindível apresentar as perspectivas da transformação social que ocorreram e ainda ocorrem no Centro de Educação (CE), no *campus* Recife. Algumas das situações que serão abordadas nesta produção foram vivenciadas por uma das autoras, estudante que integrou a turma do pré-acadêmico em 2017.

o ato de tornar a educação uma
ação que vá além dos muros da
universidade implica em apresentar
oportunidades para que todas
as pessoas saibam que acessar o
espaço acadêmico é um direito

O projeto de extensão *Vestibular Solidário* (VS) demonstra um diferencial na construção da formação de suas turmas, dividindo o total de quarenta vagas em diferentes modos de ingresso (através de prova, sorteio público, cotas afirmativas e texto escrito). Dessa forma, o ato de tornar a educação uma ação que vá além dos muros da universidade implica em apresentar oportunidades para que todas as pessoas saibam que acessar o espaço acadêmico é um direito. Além disso, também implica abordar os desafios e conquistas que um pré-vestibular social pode atingir como projeto de extensão dentro de uma universidade pública, sendo um agente de transformação que proporciona mais do que aulas destinadas à obtenção de uma nota máxima na realização do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). Este texto caracteriza-se, portanto, como um relato e uma reflexão de uma formação para toda a vida, principal-

mente quando construímos horizontalmente um espaço que acolhe e fortalece a ideia de que entrar na universidade não é um sonho impossível. São iniciativas como essa que permitem a mudança, tal como mostram os dados apresentados pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes)¹ em parceria com o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (Fonaprace)², no ano de 2018, os quais revelam que a população pobre representa 70% das ocupações de vagas das universidades federais. O avanço em números como esses não surge em alguns meses, mas leva tempo e requer investimento na educação brasileira, que é capaz de mudar as estruturas da sociedade que favorecem as desigualdades e que tornam o caminho rumo ao ingresso nas universidades públicas mais turbulento. Portanto, cada espaço que ocupamos até este ponto é uma conquista pessoal. Em cada parte de nós contém uma fração de todas as pessoas que construíram a ponte e que a fazem resistir todos os dias para que, hoje e no futuro, seja possível caminhar nos corredores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

1. A Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), criada em 23 de maio de 1989, é a representante oficial das universidades federais na interlocução com o Governo Federal, com as associações de professores, de técnico-administrativos e de estudantes e com a sociedade em geral.

2. O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (Fonaprace) congrega os pró-reitores, sub-reitores, deanos e responsáveis pelos assuntos comunitários e estudantis das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do Brasil.

As questões que antecedem o ingresso no pré-vestibular

Quando nascemos e crescemos na periferia, alguns assuntos podem demorar a surgir em nosso cotidiano. Durante muitos anos, uma das autoras deste ensaio não havia ouvido falar sobre o que era uma universidade pública e quais eram as oportunidades de ingresso. E nessa situação, quando a dúvida sobre o que fazer no futuro bate à porta, o sentimento de necessidade logo invade o pensamento, informando que o maior objetivo é conquistar um bom emprego. Esse sentimento, em alguns momentos, se mistura à angústia e ao medo de não conseguir alcançar uma estabilidade econômica e não poder mudar a realidade da família, dando suporte financeiro ou alcançando algo pela primeira vez (como ser a primeira mulher da família a entrar numa universidade pública, caso de ambas autoras deste ensaio em épocas diferentes).

A universidade pública deve ser apresentada como uma possibilidade viável, mas o seu discurso não deve estar preso apenas como uma sugestão simples e objetiva de empregabilidade

Assim, os caminhos para alcançar esses objetivos precisam abraçar os percalços que os compõem. É preciso observar, antes de tudo, que a conclusão do Ensino Médio pode ser um desafio e,

desse modo, “qualquer tentativa de democratização do ensino superior será inócua enquanto persistirem as desigualdades existentes nos níveis anteriores, primário e secundário” (GOUVEIA, 1968, p. 232). A universidade pública deve ser apresentada como uma possibilidade viável, mas o seu discurso não deve estar preso apenas como uma sugestão simples e objetiva de empregabilidade. Para isso, é necessário que haja políticas públicas que favoreçam os níveis anteriores. Segundo Druck, Filgueiras e Moreira (2017), o Brasil investe 4,2% do PIB³ em educação, mas o investimento no ensino fundamental público é reduzido pela metade em relação a outros países, chegando a cerca de US\$ 3,8 mil por aluno. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) recomenda o investimento mínimo de US\$ 8,6 mil. De acordo com o relatório *Education at a Glance*, da OCDE, (EDUCATION AT A GLANCE, 2016 *apud* DRUCK; FILGUEIRAS; MOREIRA, 2017, p. 625), no Ensino Médio, o gasto nacional é de US\$ 4,1 mil, menos que a metade em comparação aos demais países da OCDE, em que o investimento é de cerca de US\$ 10 mil por aluno.

Compreende-se, portanto, que:

Já foi suficientemente demonstrado que os problemas que envolvem a seletividade no acesso ao ensino superior e as desigualdades de permanência nesse ensino não são problemas propriamente do mundo universitário, mas de processos excludentes produzidos por uma sociedade historicamente hierárquica e profundamente desigual (ZAGO, 2008, p. 164).

3. O Produto Interno Bruto (PIB) é a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país em um ano.

Dito isso, os pré-vestibulares surgem como uma alternativa para que o acesso à universidade seja possível para mais pessoas, uma vez que o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) não tem sua concorrência estabelecida de forma igualitária. Afinal, não é viável analisar e verificar o domínio das competências e habilidades dos estudantes de Ensino Médio em um país em que as redes públicas de ensino sofrem com falta de estrutura que vão desde a ausência de papel higiênico no banheiro à ausência de ventiladores nas salas de aula.

Também alimenta o problema o fato de que o corpo docente não tem parte de seus direitos garantidos, a exemplo de um salário digno que possa lhe garantir as condições mínimas de sobrevivência e atuação profissional (em alguns casos falta até mesmo o dinheiro para a passagem de ônibus). Os pré-vestibulares, nesses casos, são como um reforço que irá preparar alunos da rede pública de ensino para que possam concorrer a uma vaga na universidade pública, buscando nivelá-los às classes economicamente privilegiadas que também estão nessa disputa. Neste cenário, a “análise das características sociais, econômicas e culturais do público que reivindica um lugar nos cursos pré-vestibulares para aumentar suas chances nos concorridos vestibulares, especialmente públicos, mostra assim as outras facetas da exclusão” (ZAGO, 2008, p. 164).

Portanto, sob um olhar analítico quanto à exclusão que circunda os vestibulares e através de perspectivas de mudança para questões como essas, o VS evidencia diferentes formas de atuação em uma educação emancipatória.

Perspectivas das vivências no pré-acadêmico *Vestibular Solidário*

A história do VS como pré-acadêmico surge a partir da ideia de auxiliar estudantes de escolas públicas e bolsistas da rede privada na preparação para o ingresso a universidades públicas e a outras Instituições de Ensino Superior (IES). No ano de 2017, o projeto contava com a coordenação conjunta dos acadêmicos Frederico Neto, Danilo Martins e Rodrigo Alcântara, que contavam com o apoio de uma equipe de docentes voluntários constituída, em sua maioria, por ex-alunos/as. Isso ocorre, acreditamos, como um processo de identidade social, ou seja, o “conhecimento do indivíduo de que pertence a certos grupos sociais junto com a significância emocional e de valor para ele dessa pertença grupal” (TAJFEL, 1983, p. 292). Assim, a relação entre os vestibulandos e o pertencimento destes à universidade era construída, principalmente, ao identificarem os/as professores/as voluntários/as, hoje universitários e universitárias, que são pertencentes a contextos semelhantes aos seus. Há, também, o discurso corrente da possibilidade de retorno como futuros professores e professoras para apoiar e fortalecer o pré-acadêmico no futuro, tendo como uma das perspectivas contribuir para o ingresso de outras pessoas que estão imersas em diversos contextos de desigualdade social.

Outra característica do pré-acadêmico é o seu diferencial na formação da turma. Para a inscrição no processo seletivo, é necessário o pagamento de uma taxa de 22 reais, negociável e dispensável em determinados casos. A organização no processo de seleção

inclui as primeiras 25 vagas, que são destinadas aos primeiros colocados por ordem decrescente de classificação e por nota obtida na prova de seleção. Após a aplicação da prova, ocorre também o sorteio público, realizado de modo *on-line* através da plataforma Instagram.

No processo referente à prova realizada em 12 de fevereiro de 2017, o resultado divulgado contemplou o preenchimento de 12 vagas, além de três vagas reservadas para travestis e transexuais. Ao final do preenchimento do total de vagas, o VS ainda acrescentou cinco vagas especiais: o requisito para a ocupação foi através da modalidade da produção escrita em resposta à pergunta: “Por que você quer ser aluno/a ouvinte do VS?”, selecionando candidatos como alunos/as “ouvintes”⁴ na turma.

Este processo seletivo, pode-se dizer, busca contemplar alguma sorte de reparação às desigualdades historicamente impostas, a exemplo da defasagem nas competências escolares, do processo de apagamento social da identidade e expressão de gênero, entre outros impasses.

A partir disso, concordamos com a reflexão de Freire (1970, p. 24) quando afirma que “a realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso”. Além da formação da turma anual, o VS oferece uma turma intensiva nos três meses que antecedem o

4. A modalidade “ouvintes” compreendia uma espécie de período de teste através do qual os/as contemplados/as poderiam comparecer às aulas sem serem avaliados. Com a persistência no comparecimento, esses estudantes eram priorizados para substituir as vagas dos estudantes matriculados que haviam desistido ao longo dos dois primeiros meses.

Enem, ofertando do mesmo modo a distribuição de vagas e isentando a taxa de inscrição para travestis e transexuais.

assumir-se como projeto social da
prática educativo-crítica é mais do
que ensinar a responder questões de
conhecimentos gerais

A trajetória da democratização da educação apresenta dimensões presentes na pluralidade de experiências, e assumir-se como projeto social da prática educativo-crítica é mais do que ensinar a responder questões de conhecimentos gerais ; é, sobretudo, incentivar a assumir-se como ser social, crítico e pensante. Durante todo o processo construído até o dia da realização da prova mais importante do ano para aqueles que estão cursando o pré-vestibular, surgem desafios que nos levam a pensarmos em desistir; e o pensamento, antes esperançoso, torna-se duvidoso.

Quando alguns voluntários e voluntárias da equipe de docentes, diante da necessidade de decidir não comer para ter passagem para ir ao pré-acadêmico, ou sair de casa sem almoçar para não perder a aula, optavam pelo pré-vestibular, como percebido por estudantes, coordenadores e colegas, isso de certa forma compreendia uma afirmação de que aquele espaço não era voltado somente para a reprodução de conteúdos, mas principalmente para o acolhimento e a liberdade do corpo discente. E isso era percebido por muitos estudantes, inclusive por uma das autoras deste ensaio, como um espaço construído por pessoas que acreditam umas nas outras, mesmo quando as estatísticas demonstram que os alunos

do ensino público não têm chances ou que não merecem ingressar no ambiente acadêmico.

Nos corredores da universidade, enfrentamos olhares que julgam e questionam o porquê de você estar ali – como se uma jovem estudante não pudesse ser professora voluntária no pré-vestibular –, com a comunidade universitária hierarquizando frequentemente o tratamento dado a integrantes de projetos de extensão na universidade. Ao nos depararmos com a dúvida de se no dia seguinte haverá uma sala disponível para nossa turma assistir às aulas ou se iremos enfrentar um calor exaustivo devido a problemas no ar-condicionado, percebemos que esses são apenas alguns detalhes que nos levam a refletir sobre a importância que existir dentro de uma universidade enquanto projeto de extensão nem sempre priorizado pelas gestões da universidade, problema recorrente, inclusive, na percepção de valor entre ensino, pesquisa e extensão.

Por isso, é possível e necessário encontrar forças nas pessoas que, mesmo com dificuldades pessoais, enfrentam conosco, e de forma voluntária, os mesmos desafios. Essas pessoas se comprometem a cuidar de nossas dores e estimular nossos sonhos, e, quando necessário, até cedem um colo e um abraço afetuoso na escadaria do Centro de Educação (CE)⁵, para que a chama da esperança não acabe.

A esperança é um importante recurso de manutenção de um sonho que não é individual, mas sim coletivo. E, nessa rede de apoio entre professores, voluntários/as e alunos/as, entende-se

5. Centro de Educação (CE) do *campus* Recife da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

a disponibilidade como uma atitude de quem se preocupa com as relações estabelecidas com o outro. Assim, compreendemos que é preciso ter:

Disponibilidade à vida e a seus contratempos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ao corpo ou que se fecham na recusa. [...] e quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil (FREIRE, 2005, p. 134).

Nos pequenos gestos encontramos o apoio que, em determinados momentos, não encontramos no mundo. O desafio de decidir continuar no voluntariado ou buscar uma fonte de retorno financeiro são dilemas que muitos voluntários e voluntárias do VS encontram em suas carreiras como educadores/as, uma vez que mesmo o transporte é custeado integralmente por eles e elas. Decisões, assim, podem refletir naquelas pessoas que os cercam. Durante a reta final próxima à prova de vestibular, é comum os/as discentes do projeto de extensão enfrentarem a perda de professores/as por essas escolhas e, em virtude disso, a angústia e o medo retornam, pois sinalizam que, mesmo após “vencer” parcialmente, ingressando na universidade, aquele/a professor/a, também integrante da periferia, precisa fazer escolhas baseadas na sobrevivência mais urgente.

Cada pessoa possui sua rotina em contextos diversos e isso não era diferente no VS. Havia aqueles que moravam há duas horas de distância do local de aulas e outros que moravam em municípios diferentes, ainda mais distantes. A única certeza em meio às angústias é que precisávamos continuar na caminhada. Sendo assim, os/as discentes decidiram realizar reuniões aos sábados na universidade e utilizar uma das salas do CE para que pudessem ensinar o assunto que cada um tinha mais confiança para os outros. Diante disso, foram realizadas aulas de Literatura, História, Matemática, Biologia e o que fosse necessário reforçar. Além dos alunos e alunas, alguns professores e professoras dedicavam suas manhãs de sábado para poder dar aulas de reforço e, no final do período, recolhiam a chave da sala que lhes era confiada, posto que apenas os acadêmicos tinham acesso à chave e podiam ser responsáveis pelo espaço para que a turma pudesse usar. Neste momento, Freire (1997, p. 6) ressurge em nosso pensamento quando afirma que “é na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele [o professor] pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando”.

as ideias de Paulo Freire contidas
nos livros *Pedagogia do oprimido* e
Pedagogia da autonomia dialogam
com o projeto quando pautam a
educação libertadora através de um
conhecimento crítico

Não apenas nesse episódio, mas em diversos outros, percebemos que as ideias de Paulo Freire contidas nos livros *Pedagogia do oprimido* e *Pedagogia da autonomia* dialogam com o projeto quando pautam a educação libertadora através de um conhecimento crítico, significativo e não voltado à memorização de conteúdos. O processo da libertação, na concepção freireana, é uma conquista, e não uma doação. Por isso exige uma permanente busca. Busca que só existe no ato responsável de quem a faz, logo “ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem” (FREIRE, 1997, p. 22).

Conforme as aulas vão se tornando uma ponte para a reflexão sobre quem somos e por que necessitamos do ingresso à universidade, surge o reconhecimento da sociedade em acreditar que a educação é uma das únicas oportunidades para contrariar as estatísticas. Fato é que, seja enquanto professora negra, hoje concursada no Centro de Educação, seja como graduanda indígena de Pedagogia, a posição que ocupamos hoje na sociedade não é apenas aceita como o único papel que podemos ter. É um lugar social imposto pelos opressores ao decorrer de mais de 500 anos de formação de um país que foi explorado e segregado às custas das vidas dos nossos antepassados, principalmente quando nossa história não é contada pelo ponto de vista dos oprimidos. Sobre isso, a *Pedagogia do oprimido*, que se declara como libertadora, elenca dois momentos:

O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 1997, p. 25).

Ao longo do ano de 2017, os discursos dos/das professores/as do VS reforçaram a importância da oportunidade que a turma estava usufruindo. Através das aulas com graduandos e graduandas que já estavam inseridos/as na universidade pública e da nossa posição de já estarmos dentro desse ambiente universitário, destacou-se a importância de nos mantermos dentro dele como um dos desafios que iria nos acompanhar em todos os anos seguintes até a conclusão do curso. Ao defendermos o esforço para que possamos continuar refletindo sobre a condição de jovens periféricos enfrentando condições sociais e econômicas degradantes, há a *reflexão* como fator condicionante da prática e a permanente busca por *libertação*. Tudo isso é somado às questões de raça e de gênero, como bem observado por Patricia Collins (2019, p. 53):

Raça, classe e gênero ainda constituem formas de opressão que se interseccionam, mas as maneiras pelas quais elas se organizam hoje para produzir injustiças sociais diferem daquelas de épocas anteriores. Assim como teorias, epistemologias e fatos produzidos por qualquer grupo de indivíduos representam os pontos de vista e os interesses de seus criadores, a própria definição de quem tem legitimidade para realizar trabalho intelectual não só está sendo politicamente contestada como tem mudado. (COLLINS, 2019, p. 53).

O ato de libertar não se caracteriza apenas por preparar para ingressar em uma universidade, mas por todo o processo por meio do qual reconhecemos os nossos direitos e não nos limitamos às posições impostas pelo opressor. Os estudantes foram compreendendo, com o tempo, que estar dentro de uma universidade não os tornaria seres libertos, mas sim o ato de buscar conhecer as estruturas que os oprimem e contrariá-las, seja qual for o espaço em que estejam inseridos/as.

A autonomia é um processo, ou seja, ela não ocorre pontualmente em um dia específico, mas é construída ao longo das experiências. O papel de cada professor do VS se tornou indispensável nesse processo de amadurecimento, sendo constituídos como agentes da transformação social e tendo como foco um desenvolvimento para além dos conteúdos de ensino.

Conclusões

Para a escrita deste ensaio, uma das autoras retornou à universidade em um dia vazio, percebendo como o espaço, em comparação à sua época como aluna do VS, parecia maior do que verdadeiramente era. Entretanto, tendo uma perspectiva de compreender sobre esse ambiente através da visão de estar do lado “de fora” (como visitantes), ambas as autoras concluíram posteriormente ter a consciência de que hoje enxergam para além dos muros da universidade. Isso, de certa maneira, ajuda a compreender a importância daqueles encontros realizados em 2017 e como a extensão universitária impacta na transformação social e na potencialização do sentimento de pertencimento, por meio do ingresso, a uma universidade pública.

As contribuições do pré-acadêmico ficaram marcadas na construção de quem somos enquanto estudante e professora no Centro de Educação. A importância se faz presente também na escolha da história do VS e das vivências compartilhadas neste texto. As trocas vivenciadas nos guiaram a ter um olhar sensível para a urgência de incentivar a extensão universitária, principalmente por construir e desconstruir preceitos sobre a presença da periferia dentro da universidade. Podemos mudar quem somos, conhecer novos

lugares, escrever artigos e apresentar palestras, mas há experiências que marcam a nossa memória porque, de alguma forma, nos guiaram até o momento presente.

Nessa caminhada, temos orgulho de nos afirmar como professora coordenadora e como ex-aluna do pré-acadêmico *Vestibular Solidário*. Ao longo dos momentos, encontramos parceiros e parceiras de aprendizado. Cada pessoa seguiu o seu caminho, alguns não estão mais presentes em vida conosco, mas todos e todas são integrantes do VS e sempre serão de alguma maneira. A universidade se tornou o sonho que uniu cada pessoa que estava reconhecendo e aprendendo um com o outro sobre conteúdos e sobre como cada instante pode ser importante. Toda construção que o VS ofertou com autonomia e criticidade revela o quão importantes e especiais somos, cada um/a à sua maneira.

A educação é transformada quando nos incentiva a buscar mais, reproduzir o que colhemos e refletir sobre o que pode ser melhorado. Através de cada sorriso, brincadeiras em sala de aula, encontros no *Éden*⁶, dificuldades de coordenação, discussões filosóficas e sociais, brigas, polêmicas na aula de Frederico Neto e Jefferson Gonçalo ou desabafos na aula da professora Ana Pontes, por exemplo, vivenciamos momentos inesquecíveis.

Agradecemos aos vários integrantes do VS, como *Maria Luiza, Érica Rodrigues, Alison Valença, Andreza Cavalcanti e Julianny Fonseca*. Em todo percurso até os dias atuais, percebermos a nós mesmos enquanto seres pertencentes da comunidade acadêmica

6. Nome popularizado da parte superior externa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), que era ponto de encontro entre os estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

da UFPE é motivo de orgulho, ainda que não elimine, naturalmente, as dificuldades do mundo acadêmico, especialmente quando somos as primeiras de nossas famílias a adentrar na universidade sem que tenhamos familiares com quem possamos encontrar um apoio próximo sobre essa vivência.

Continuar assumindo o direito à universidade pública é fortalecer-se em nome dos que vieram antes de nós, dos que não puderam acessá-la (como os nossos ancestrais) e das pessoas que hoje não estão em vida conosco. Este ensaio torna-se uma parte de nós, na forma de escrita acadêmica, mas também se transforma em uma parte compartilhada em homenagem à equipe do *Vestibular Solidário*. Escrivê-lo é pensar que não se desistiu de acreditar na transformação social através de um projeto com uma sala pequena no CE. É, também, lembrar da Sharlene Souza e de Adrian Jordy, que não conseguiram permanecer aqui⁷. Este ensaio é, por fim, parte de uma perspectiva nossa sobre o incentivo à educação pública para transformar o mundo e as pessoas.

7. Sharlene Thalyta, estudante do *Vestibular Solidário*, alegre e querida no grupo de 2017, não conseguiu resistir a um câncer linfático e faleceu em 2018, pouco antes de começar as aulas. Adrian Jordy estudou dois anos no projeto para realizar seu sonho de cursar Direito na Faculdade de Direito do Recife (FDR), conseguindo em 2020. Porém, suicidou-se em 2021.

Referências

COLLINS, P. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

DRUCK, G.; FILGUEIRAS, L.; MOREIRA, U. Ajuste fiscal e as universidades públicas brasileiras: a nova investida do banco mundial. *Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades*, Salvador, n. 242, p. 602-634, 2017. Disponível em: <https://revistas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/411/333>. Acesso em: 15 out. 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GOUVEIA, A. J. Democratização do ensino superior. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 50, n. 112, p. 232-244, out./dez. 1968.

TAJFEL, H. *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

ZAGO, N. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 149-174, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n1p149>. Acesso em: 1 jul. 2021.